



TROCA

FESTIVAL DE
ARTE

2009



INTRODUÇÃO À LEITURA E CRÍTICA DA ARTE VISUAL

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo
DEART - UFU

Pensar em leitura de uma obra de arte implica em admitir que é possível apreender suas qualidades sensíveis e traduzí-las em qualidades cognitivas

Dizendo de outra maneira é possível captar as informações inerentes e pertinentes a uma obra de arte e transformar estas informações em dados significativos para sua apreensão e compreensão

A idéia de ler está associada à
leitura dos textos verbais, ou
seja, ao meio utilizado para
codificar e decodificar
informações no contexto da
expressão oral escrita

Leitura também nos remete à
linguagem, decorrente de língua
ou idioma, sistema organizado
em sintaxe e semântica capaz
de traduzir sentidos no
diferentes contextos culturais
humanos

Daí utilizarmos o termo
Linguagem para nos referir às
manifestações artísticas,
mesmo sabendo que elas não
operam mediante códigos pré-
elaborados ou previsíveis e
permutáveis entre si

Preferimos o termo Poética ao
nos referir às manifestações
artísticas, tomando-a do *Poien*
grego que se refere ao fazer, à
operação constitutiva da criação
artística

Portanto *Ler* uma obra de arte implica em distinguir, dentre vários aspectos: históricos, estéticos e sociais, aqueles que são mais relevantes para o seu entendimento e compreensão no momento em que se lê

Em nosso caso importam as
Obras de Arte Visual

A Arte Visual é um
desdobramento do que se
chamou anteriormente de Belas
Artes e depois de Artes
Plásticas, mais tarde de Arte
Conceitual

As Belas Artes, originária da
visão acadêmica tradicional
pensava a arte por meio do
belo, do harmônico, do
gracioso, do equilibrado, do
lógico e racional

As Artes Plásticas, originária da
visão Modernista, pensava a arte
como fruto das qualidades
sensíveis, valorando a
inventividade, a criatividade, a
espontaneidade, a novidade, a
manipulação e transformação de
materiais e matérias em criação

A Arte Visual, tanto se filia ao Moderno como ao Pós-moderno, acrescentando as conquistas técnicas como as câmeras fotográficas e cinematográficas e demais aparatos de criação, processamento e distribuição de imagem, sendo que, o principal fator é a visualidade inerente à estas obras

A Arte Conceitual, originária das pesquisas iniciadas pelo Dadaísmo, depois desenvolvidas nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado, aboliu o objeto, instaurando a arte não objetual, e promoveu o conceito, proposição mental por excelência em detrimento da matéria como fonte da esteticidade

Como já se intuiu, é
praticamente impossível
estabelecer um padrão, um
sistema de aproximação e
apreensão com a Obra de Arte
que seja constante, regular e
contínuo

Se a Arte varia seus modos de
ocorrência, isto implica em
variar também seus modos de
apreensão ou leitura

Independente destas variações,
é possível estabelecer, pelo
menos até o contexto da Arte
Visual, alguns parâmetros de
aproximação que sejam
plausíveis e forneçam
resultados satisfatórios

Assim, é possível trabalhar
algumas abordagens
metodológicas que mostram
resultados razoáveis para
nossa aproximação com a obra
de arte

A primeira delas pode ser
chamada de

**ABORDAGEM ESTÉTICA OU
PERCEPTUAL**

Estesia de *Aisthesis*, do grego
que se refere a sensório,
sensível

É por meio dos *sentidos* que
apreendemos o mundo,
mediante as *qualidades*
sensíveis que o ambiente nos
apresenta

Como se sabe o mundo é cheio de qualidades que são apreendidas pelo aparato sensório do nosso corpo, além da audição, do paladar e do olfato, temos a visão e o tato, das quais dependemos para nos relacionar e compreender o mundo que nos cerca e nos apropriar das informações artísticas

Podemos dizer que há certas qualidades sensíveis no mundo que, em relação à Arte Visual, nos importam mais que outras.

Podemos citar duas delas:

Luminosidade

e

Espacialidade

Ao longo do tempo e da Arte, o ser humano aprendeu a lidar com estas qualidades sensíveis e dar sentido a elas em suas criações artísticas. Ele conseguiu captar suas essências e transformá-las em qualidades plásticas ou visuais nas Obras de Arte

A Luminosidade, ou seja, esta
propriedade inerente da luz,
passou a ser traduzida de duas
maneiras distintas nas Obras de
Arte Visual:

Por meio das variações de
Intensidade e das variações de
Frequência

A Variação de Intensidade
implica na diferença de
luminosidade: mais luz ou
menos luz

Portanto, há uma variação de valores luminosos para maior ou menor intensidade produzindo a sensação de ***Variação Tonal***, proporcionando a existência de áreas mais claras e áreas mais escuras

Isto nos dá a possibilidade de
observar-mos diferenças de
gradação tonal ou degradê

As imagens a seguir mostram o
efeito luminoso do que estamos
chamando de Intensidade
Luminosa, variação tonal ou
degradê











fine



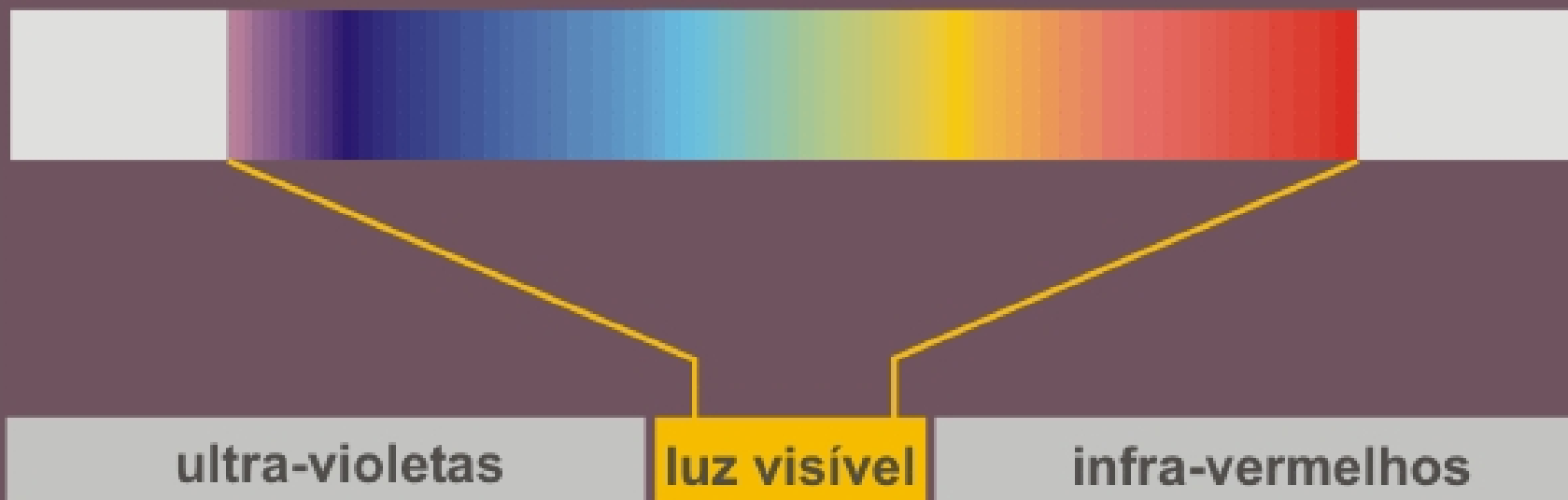
O segunda maneira de
apreender a Luminosidade diz
respeito à
Variação de Frequência

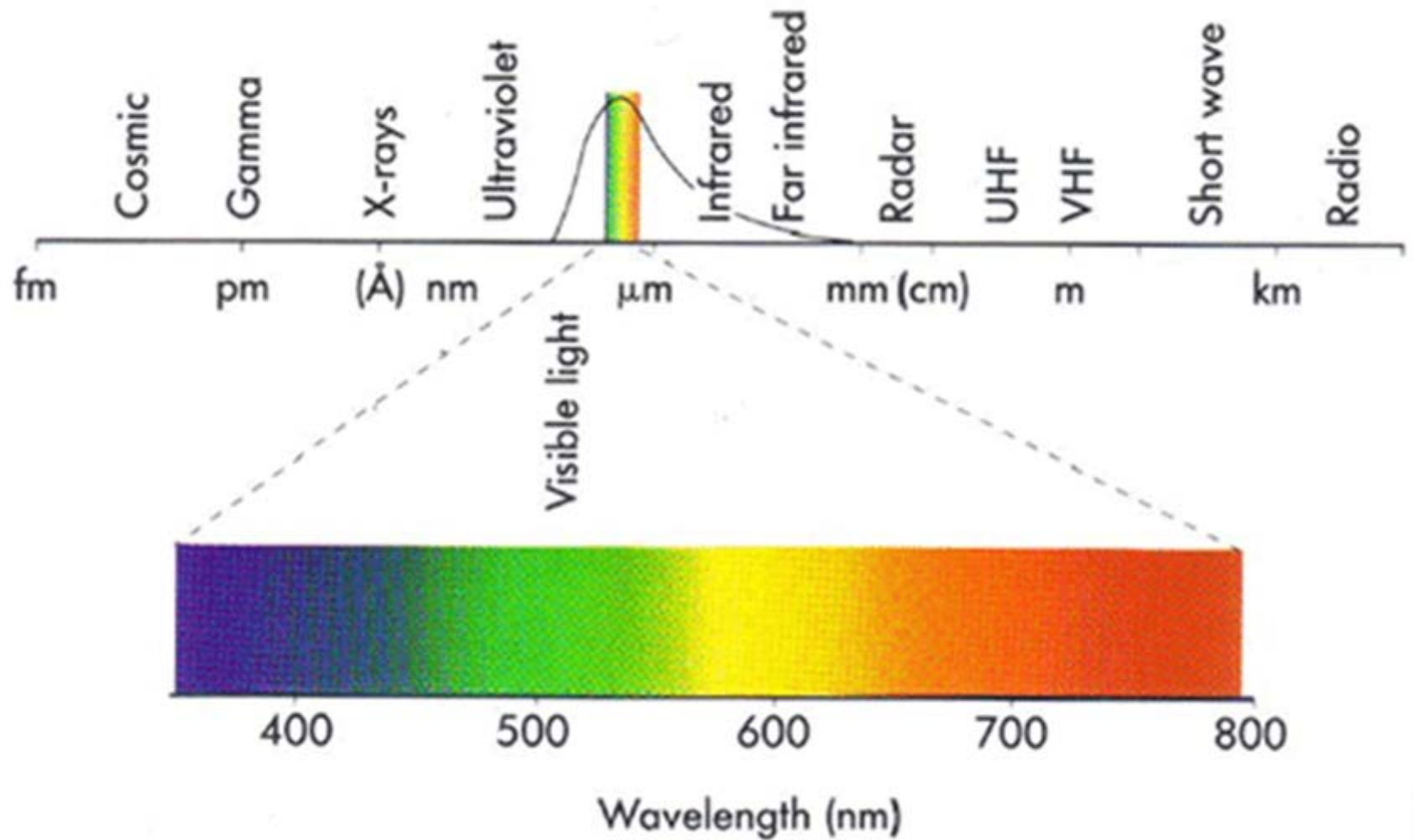
Esta variação implica na
percepção de alterações
cromáticas

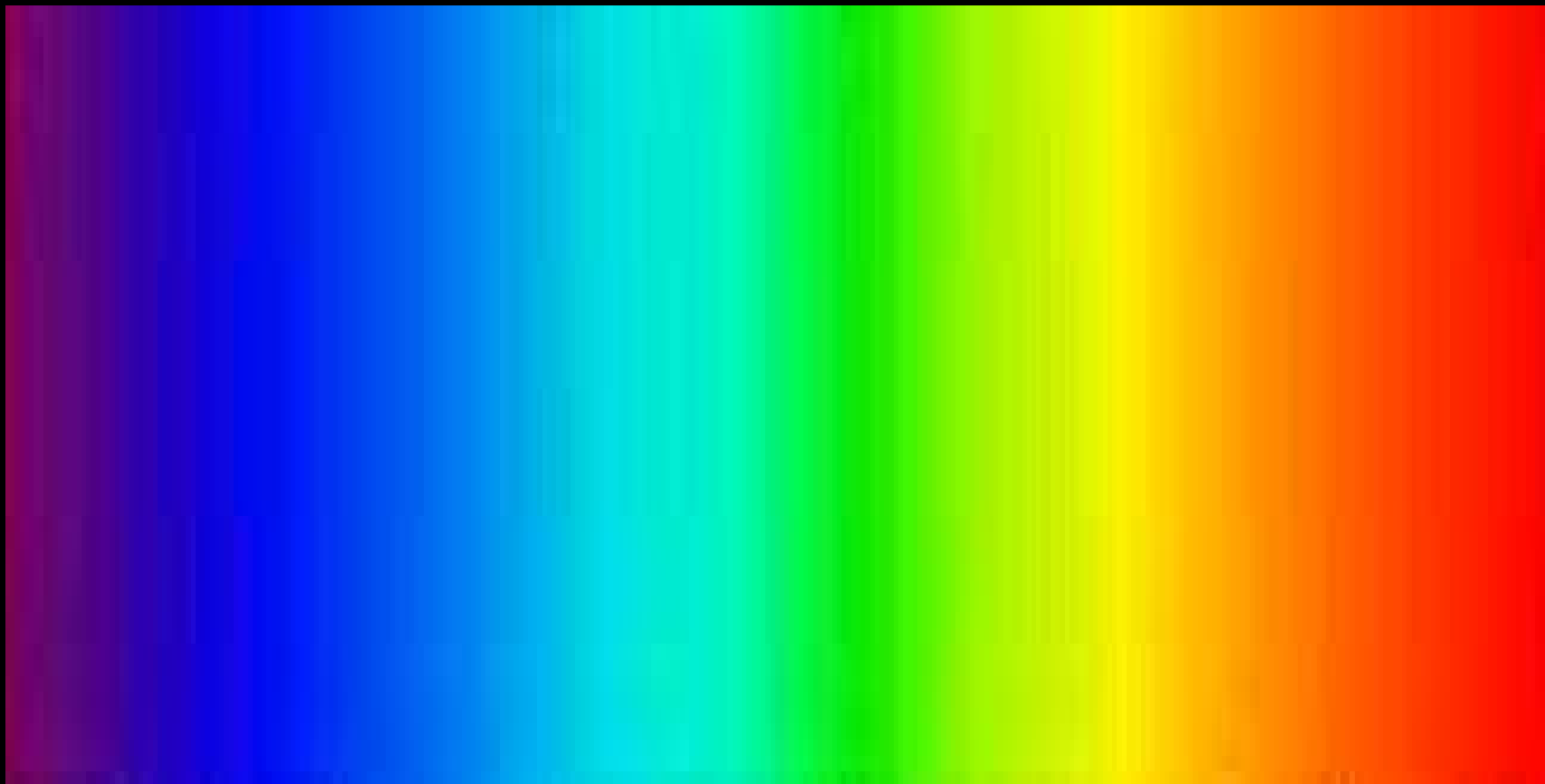
Nossos olhos são preparados
para perceber estas variações
num determinado limite, neste
caso, podemos obter
sensações cromáticas do meio
ambiente

Estas sensações cromáticas foram transformadas em cores, por meio de pigmentos, pelo ser humano para poder manipulá-las e dar maior eloqüência, eficiência, naturalismo, realismo ou riqueza às suas imagens

ESPECTRO DA LUZ SOLAR







fine





fine



L. DUCOS DU HAUTON 1877

gum



fine





Joseph Caine
fine



June





Henry Matisse

Além da criação dos pigmentos,
também desenvolvemos teorias
da cor e as analisamos
mediante suas propriedades e
seus efeitos



Disco cromático obtido das combinações de três cores primárias

Observando este disco
podemos falar de:

Cores Primárias

Cores Secundárias

Cores Terciárias

Cores Complementares

Cores Contrastantes

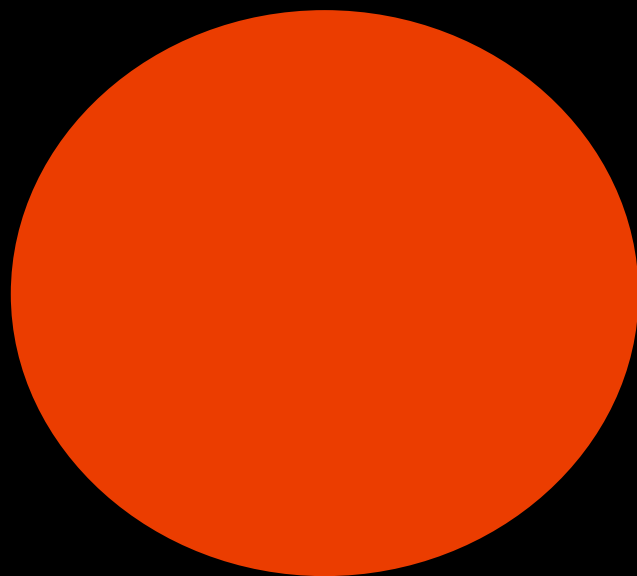
Cores Saturadas

Cores Quentes

Cores Frias



Neste caso estamos operando
com as *qualidades cromáticas*,
ou seja, as propriedades da cor
que nos proporcionam
variações perceptivas ou efeitos
luminosos



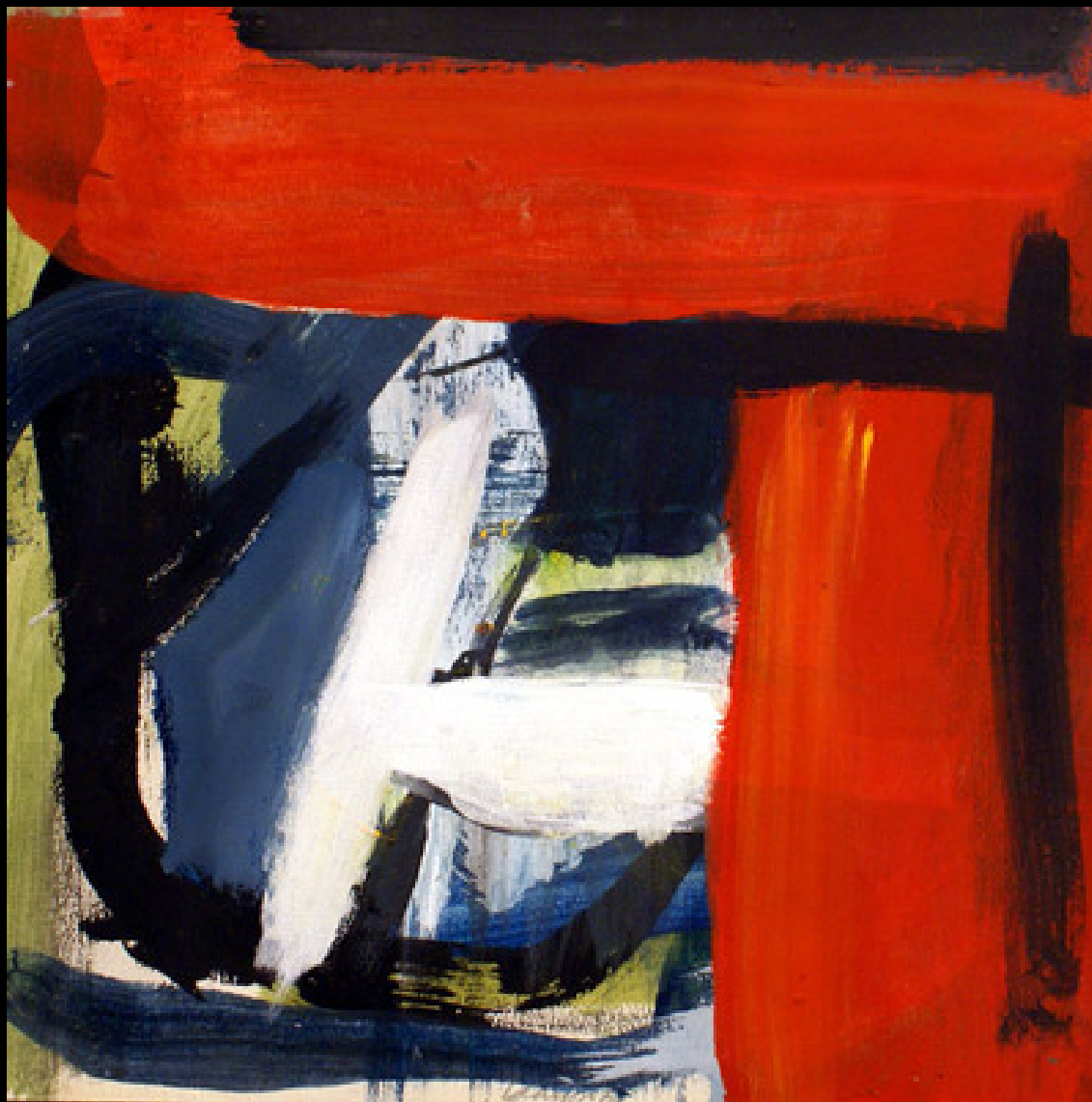
fine

Este efeito é chamado de Cor
Inexistente que é sua cor
complementar

Além disso podemos dizer que a qualidade do vermelho, por exemplo, é sua ***Vermelhidade***, ou seja, sua capacidade de ser vermelho dar-nos esta informação, independente das experiências que possamos ter com o vermelho

Costuma-se associar às cores,
certas características simbólicas
como o vermelho da paixão, o
azul celeste do manto da
virgem Maria. Como também
estados de espírito: Verde de
inveja, vermelho de raiva,
amarelo de fome

Pode-se associar cores às
coisas do mundo ou
simplesmente ignorá-lo e
trabalhar apenas as qualidades
sensíveis destas cores



Peter Lanyon



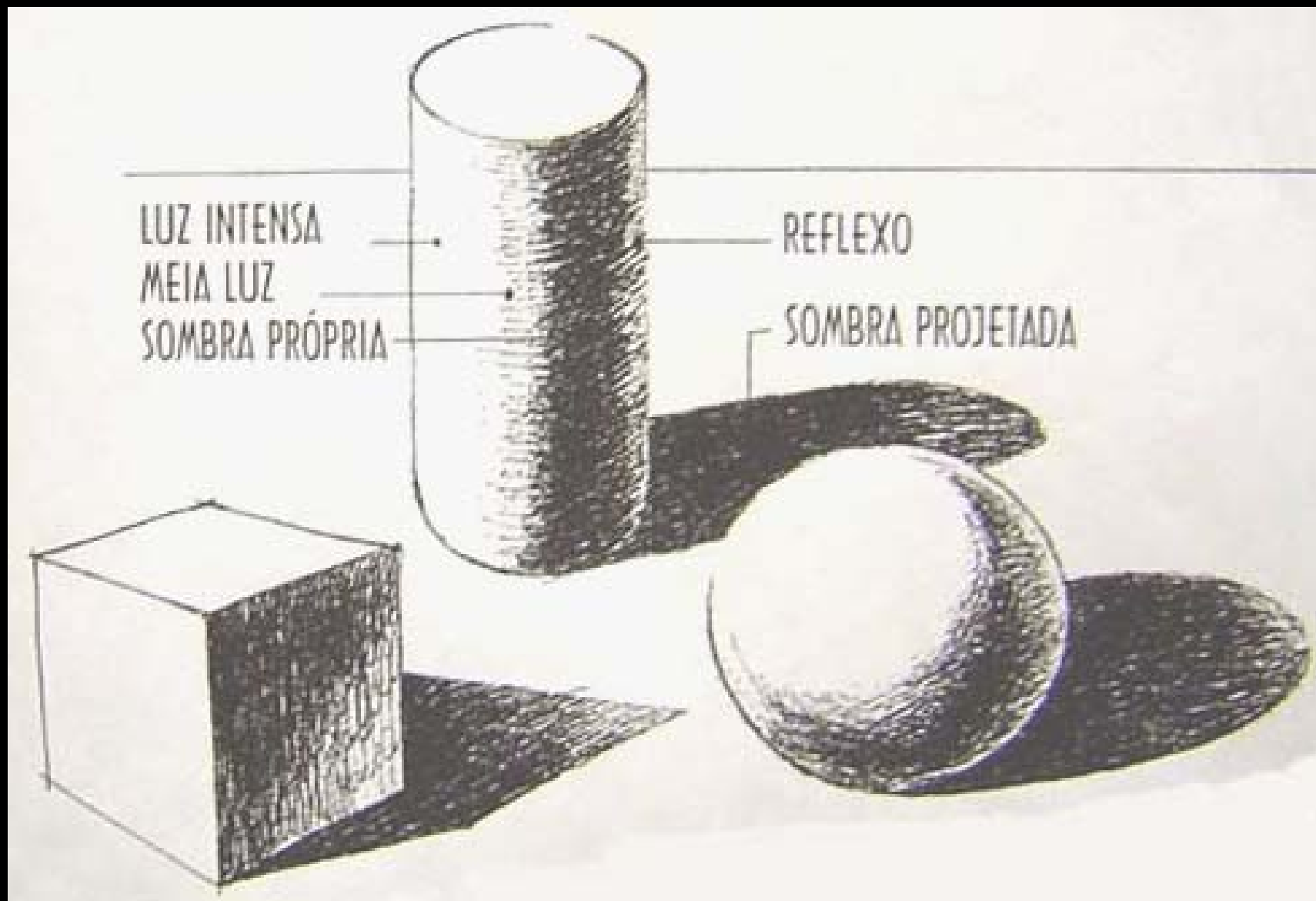
Jackson Pollock

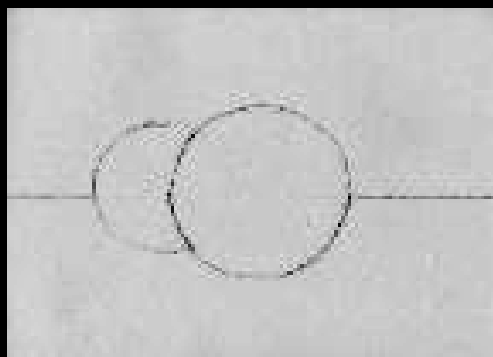
Das duas qualidades sensíveis
do mundo que citamos, uma já
discorreremos a respeito, a outra
se refere ao ***Espaço***

A *Espacialidade*, ou seja, o
entorno ambiental em que
vivemos, passou a ser traduzido
nas obras de arte ou nas imagens
pelas *Dimensões*, *Direções* e
Densidades, cujos recursos para
produzí-las segue dois caminhos
mais comuns: A perspectiva e a
Luz e Sombra

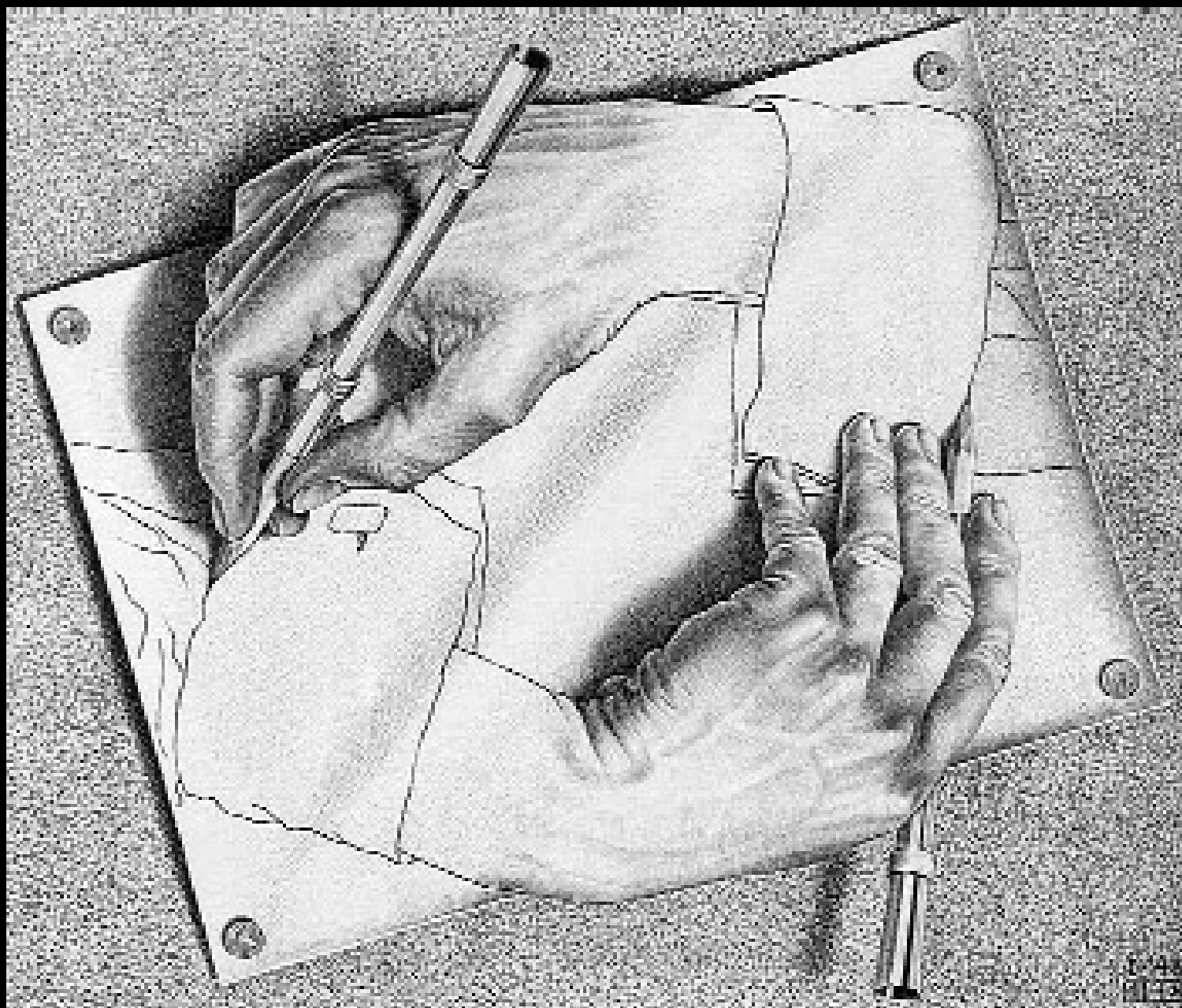
Produzir efeito de *espaço* é criar artifícios capazes de iludir nossa visão, se numa superfície plana temos a sensação de volume, ou seja, de dimensão, sabemos que aquilo é apenas uma ilusão e não o espaço tridimensional de fato

Um dos meios mais comuns
para produzir o efeito de
tridimensionalidade é sugerir a
variação de sombra e luz





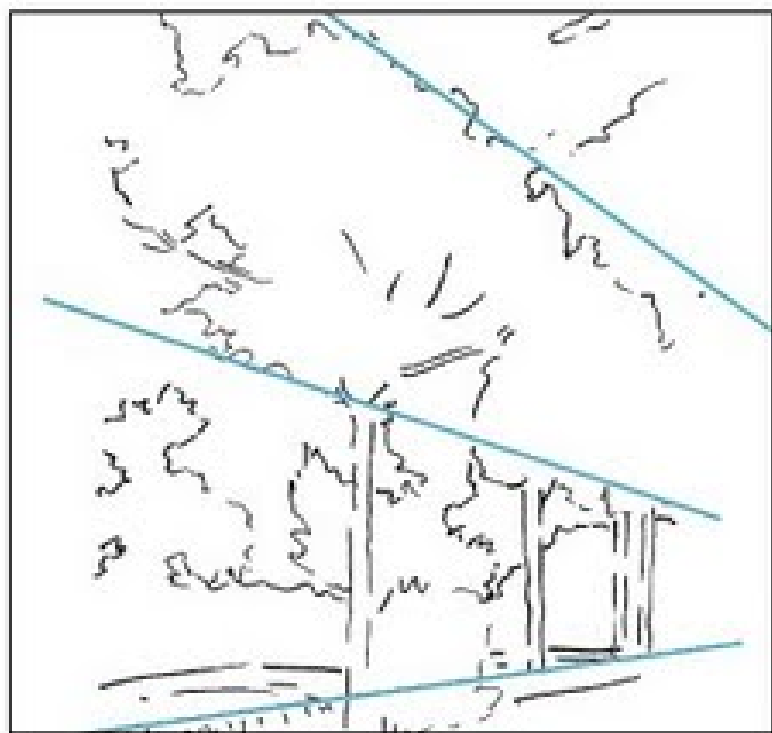
fine



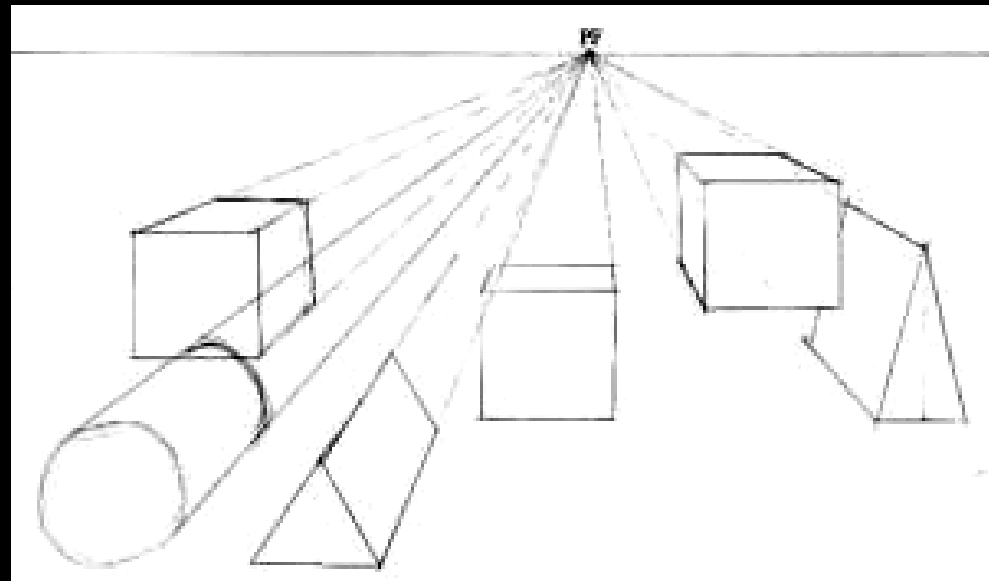
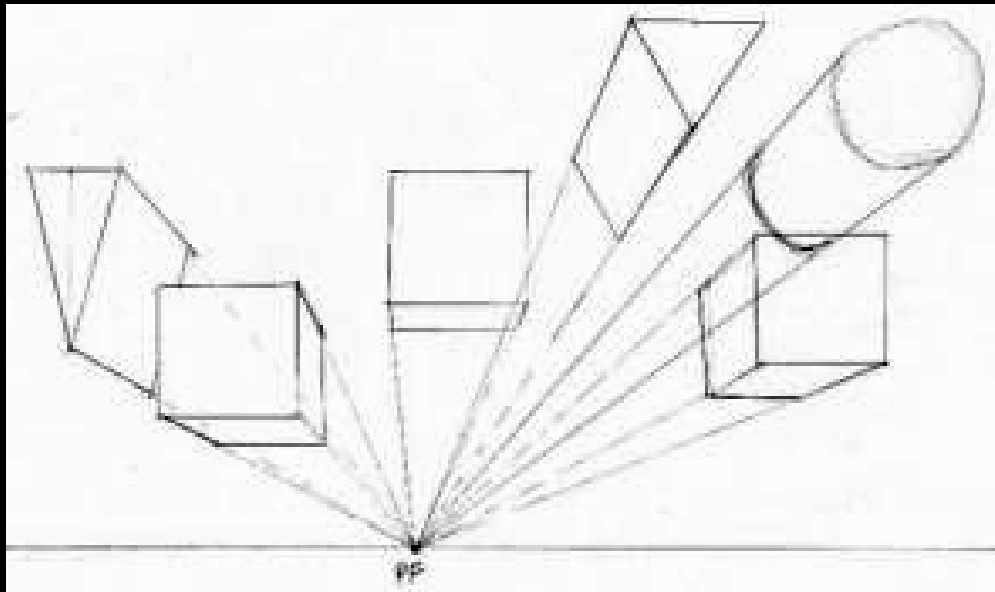
fine

O outro meio de produzir o
efeito de tridimensionalidade é
usar a *Perspectiva*

A perspectiva é uma técnica que cria a ilusão de volume na medida em que nos fornece referenciais que alinham em direções comuns, os caminhos visuais que são instituídos pelas figuras que destacamos ao observar um ambiente



fine





Os demais efeitos são resultantes destes já ditos, e expandidos como as orientações visuais, comparações e intensificação de luzes e contrastes produzindo outros efeitos como texturas, brilho e outros valores visuais importantes para a apreensão sensível da imagem

A segunda possibilidade de
leitura é a

**ABORDAGEM RELACIONAL
OU CONTEXTUAL**

Neste processo podemos nos
utilizar das *relações*
estabelecidas por meio da Obra
de Arte com a história e a
sociedade, levando em conta os
aspectos da tradição artística e
sociais

As obras não surgem do nada,
mas de uma *relação* entre
diferentes instâncias como são os
artistas, produtores, ateliers,
instituições de arte e os demais
agentes sociais como os
governantes, os comerciantes, os
marchands, os leiloeiros que
promovem e consomem as obras
de arte

Portanto, para falar delas,
obrigatoriamente, temos que
falar deles

Desde os primeiros tempos da
humanidade, a relação entre
arte e sociedade já estava
posta e era o que motivava a
sua realização

As pinturas dos bisões nas
cavernas pré-históricas nada
mais são do que a
manifestação da necessidade
de sobrevivência e
permanência daquela
sociedade

Se observarmos os motivos que levaram os antigos artistas a criar, vamos observar também quais eram os anseios, as necessidades e as singularidades das sociedades que orientavam estes artistas

Difícilmente vamos dissociar a
Arquitetura, a Pintura e a
Escultura do Império Egípcio de
seu sistema político-econômico,
tampouco da dos seus mitos,
crenças e religiosidade. Sua
arte é justamente a expressão
deste universo



A presença, num mesmo
espaço, de deuses,
governantes, sacerdotes é uma
característica típica da índole
destas manifestações artísticas

O modo de constituição e organização das imagens eram ditados pela classe dominante, bem como as narrativas e os modos de organizar o espaço, logo, a arte era a expressão direta do poder

Outras civilizações optaram por
manifestações diferentes



Como a Grécia que optou por
valorizar o *ideal* e pensar suas
imagens como situações
mitológicas



Ou Roma que investiu no
retrato e deu às suas imagens
uma dimensão mais humana e
menos mítica



Frontal da San Quirico e Santa Julita, Museu de Arte da Catalunha, Barcelona

E ainda a Idade Média em que
a Arte é do domínio do divino e
do religioso, se esquecendo das
características terrenas



O Renascimento que recuperou
o humano e o transformou no
grande espetáculo da criação



O Barroco que duvidou da
divindade e da humanidade





James







fine



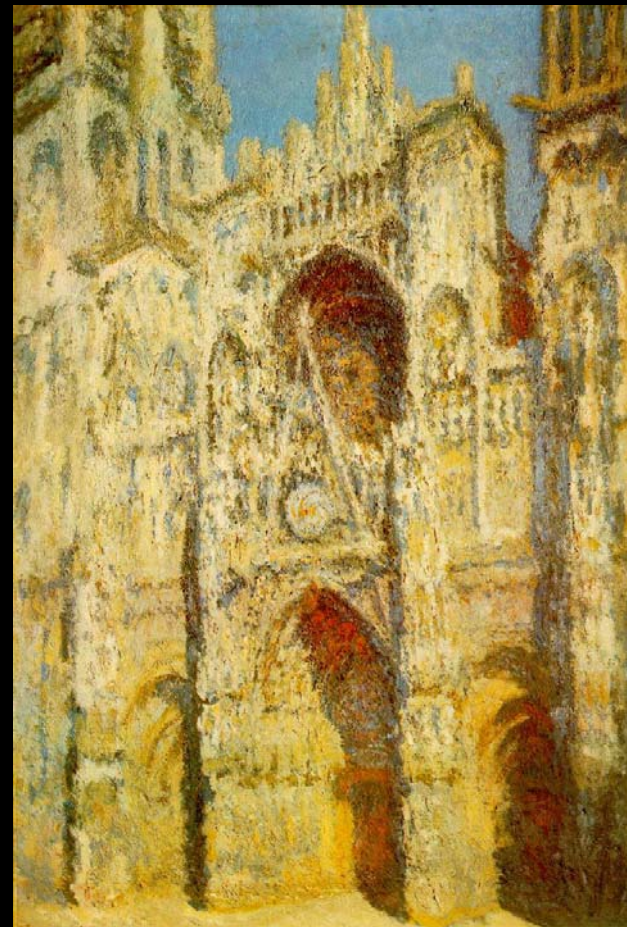
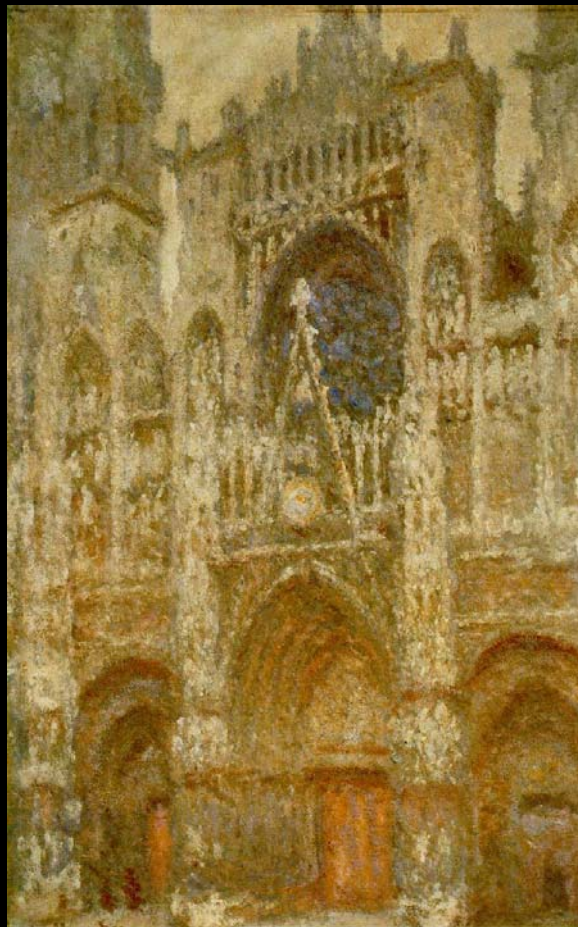
Smith



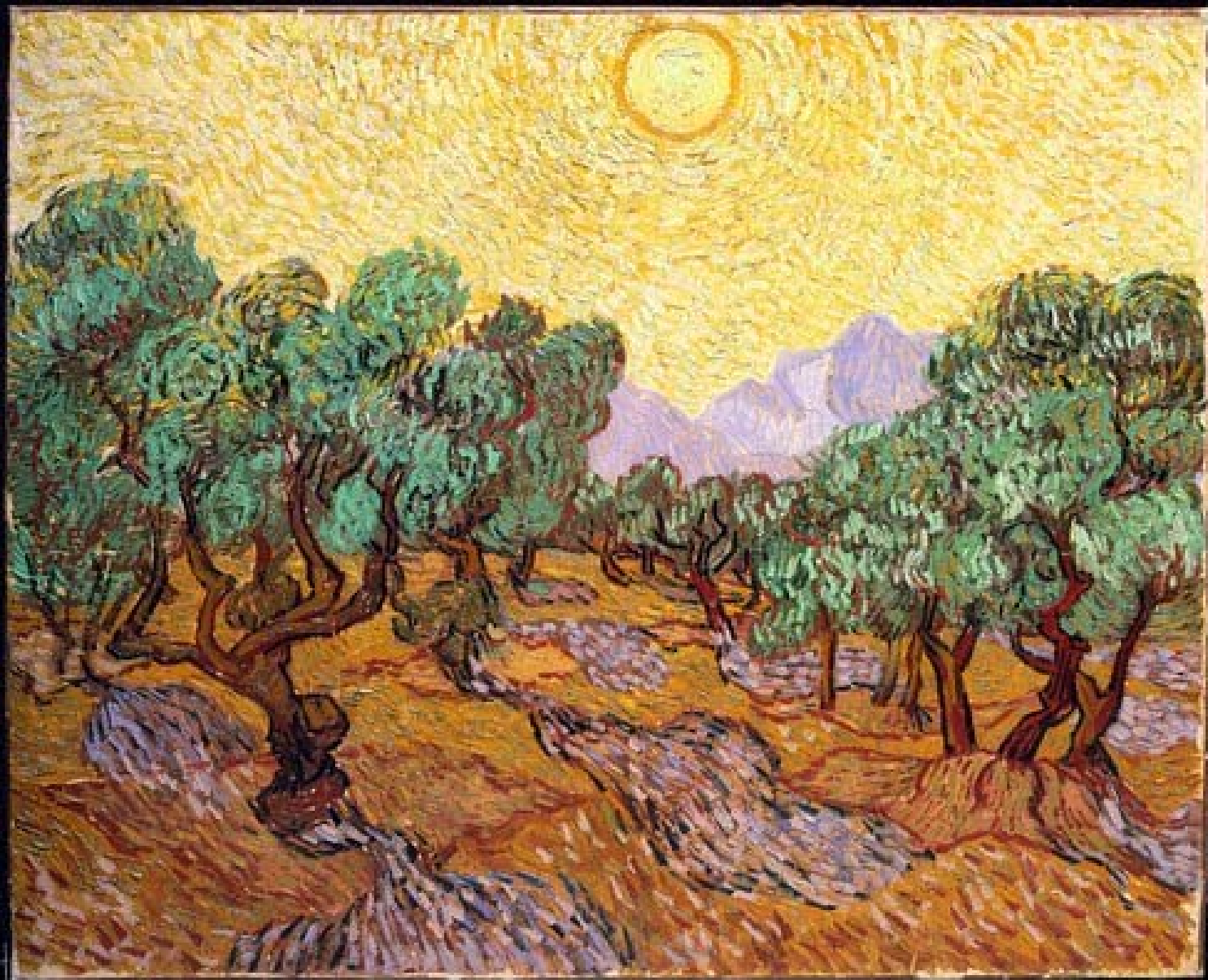


Todas as propostas e
distensões que motivaram e
mobilizaram o pensamento em
busca de uma arte menos
ordenada e mais justa, que nos
confrontou com nossas mazelas
e incoerências, com nossas
perdas e conquistas

Ou que nos colocou de novo
em relação à natureza em
contato com o percebido e
reordenou o sentido







Jan

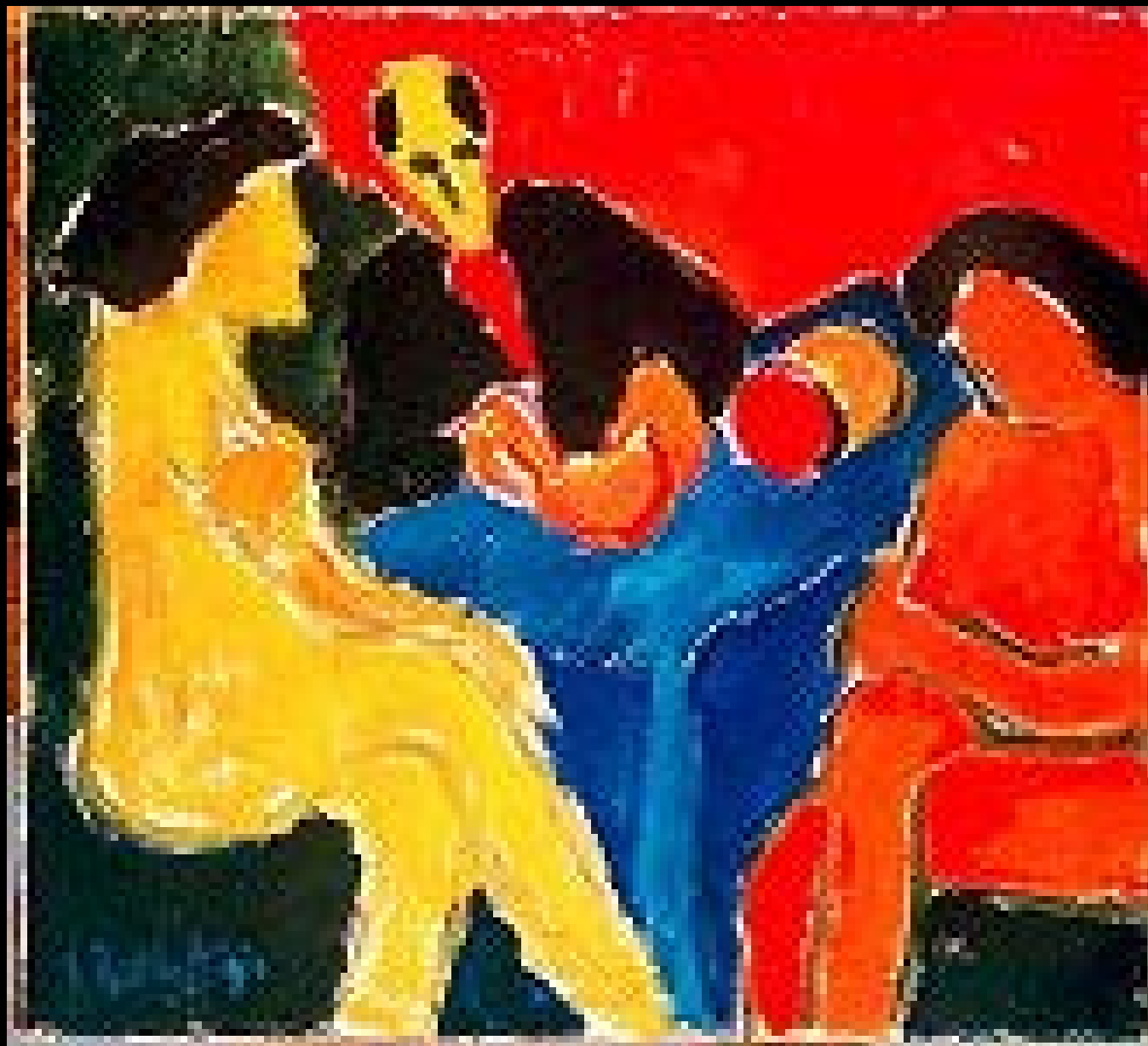


fine





fine



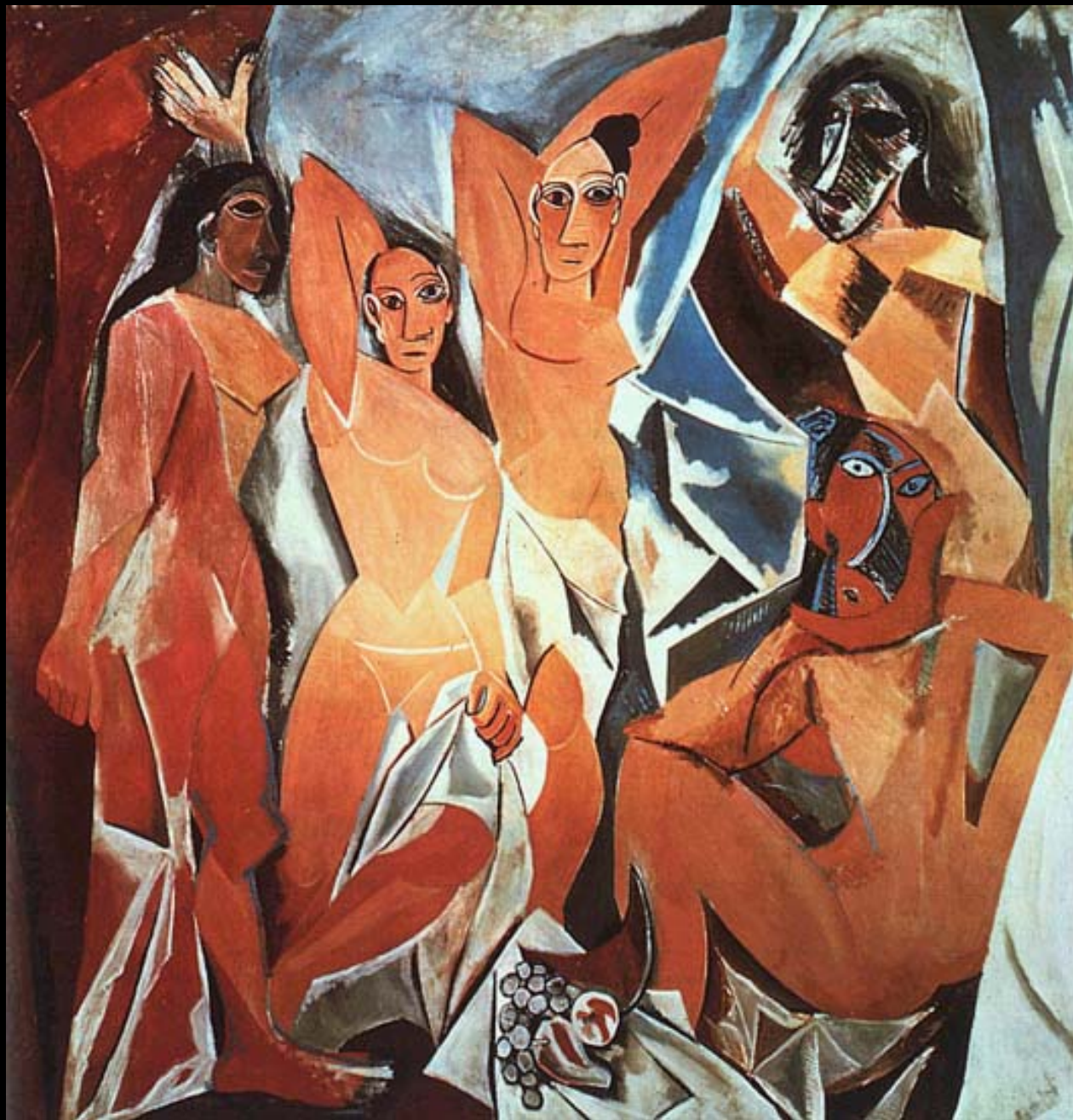


fine

Quebrando o conceito de
espacialidade ótica, as
dimensões e a temporalidade

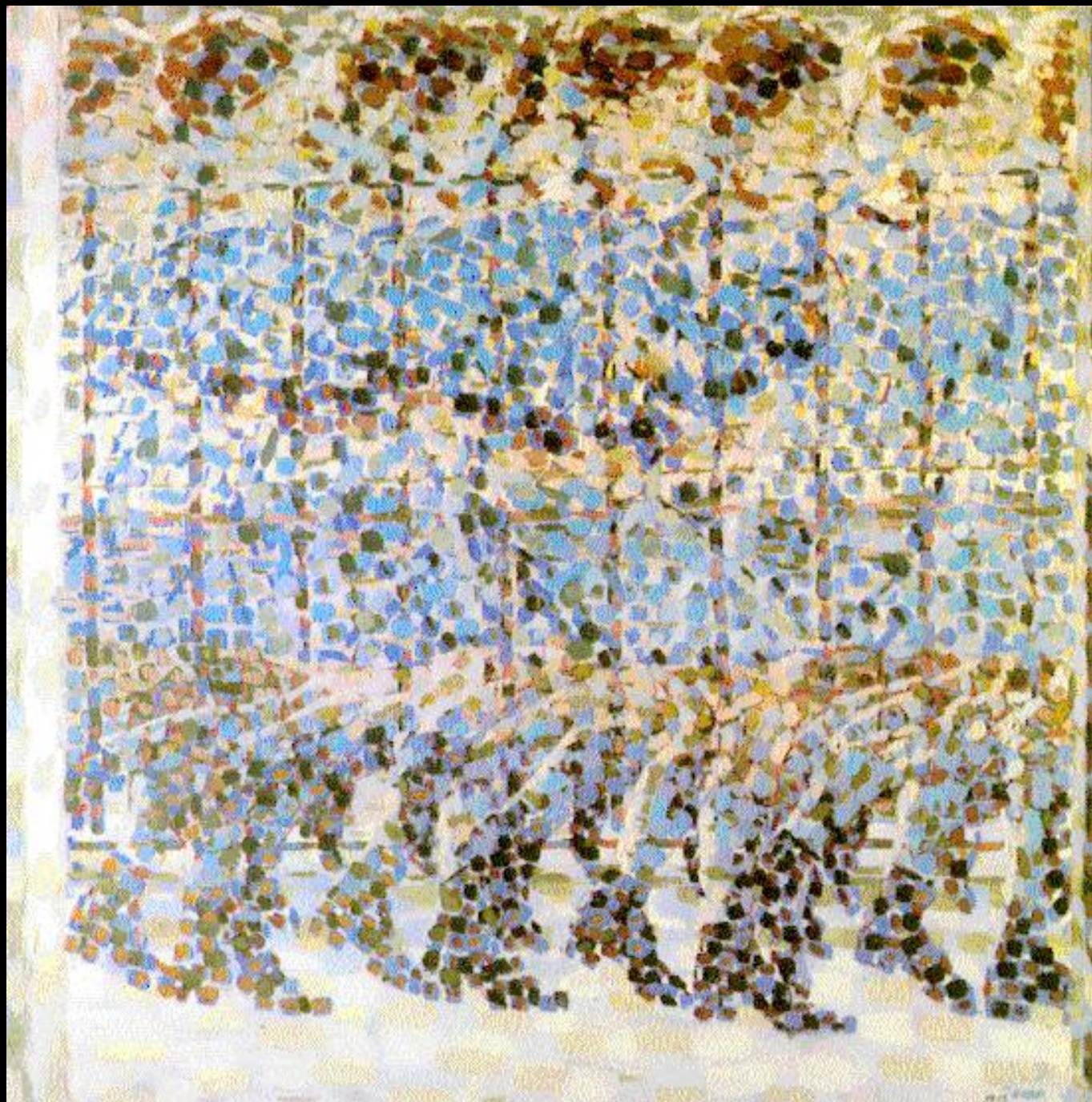


June



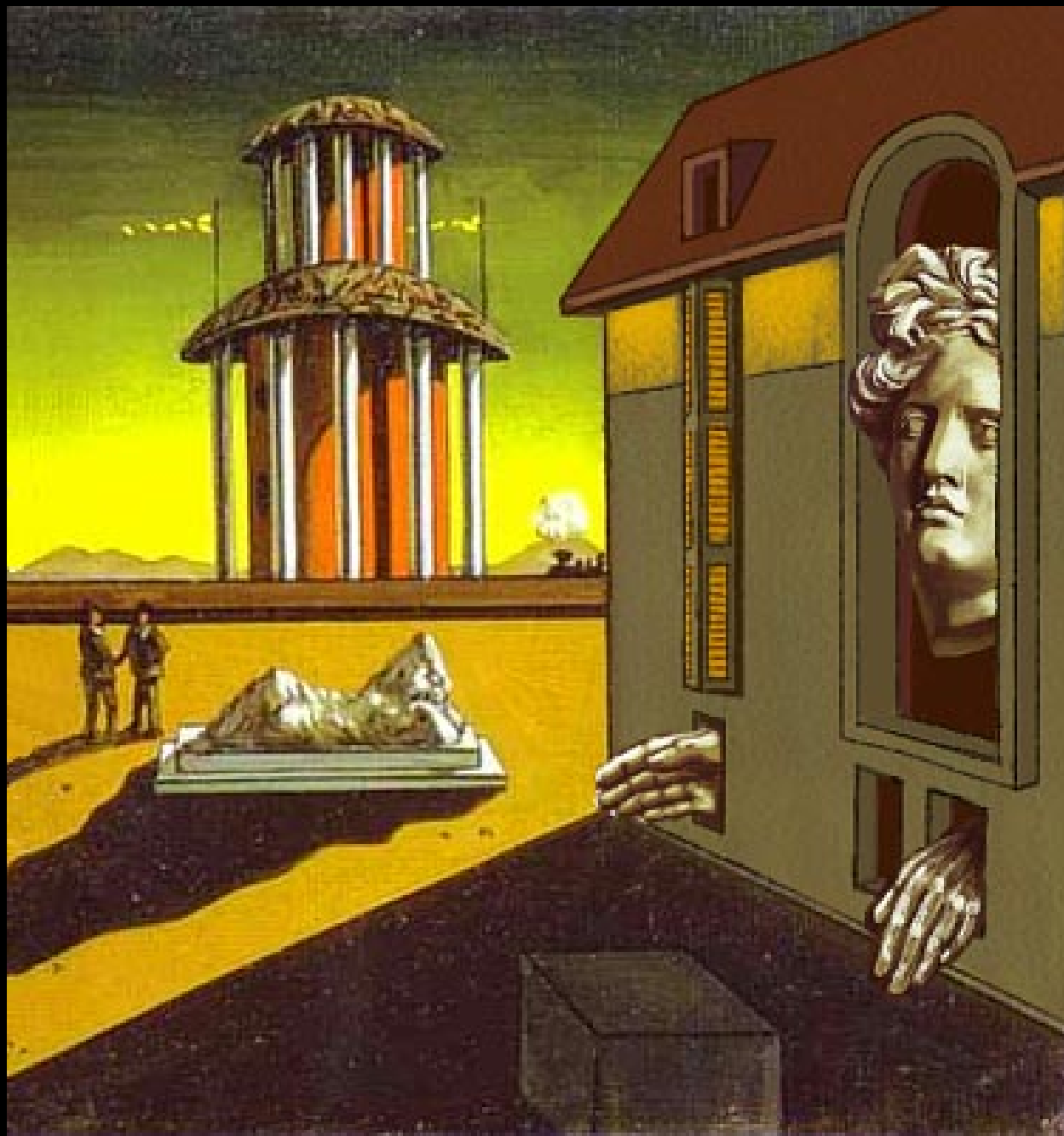
fine





fine

Os sonhos participando do
imaginário e prenunciando os
pesadelos e as rupturas

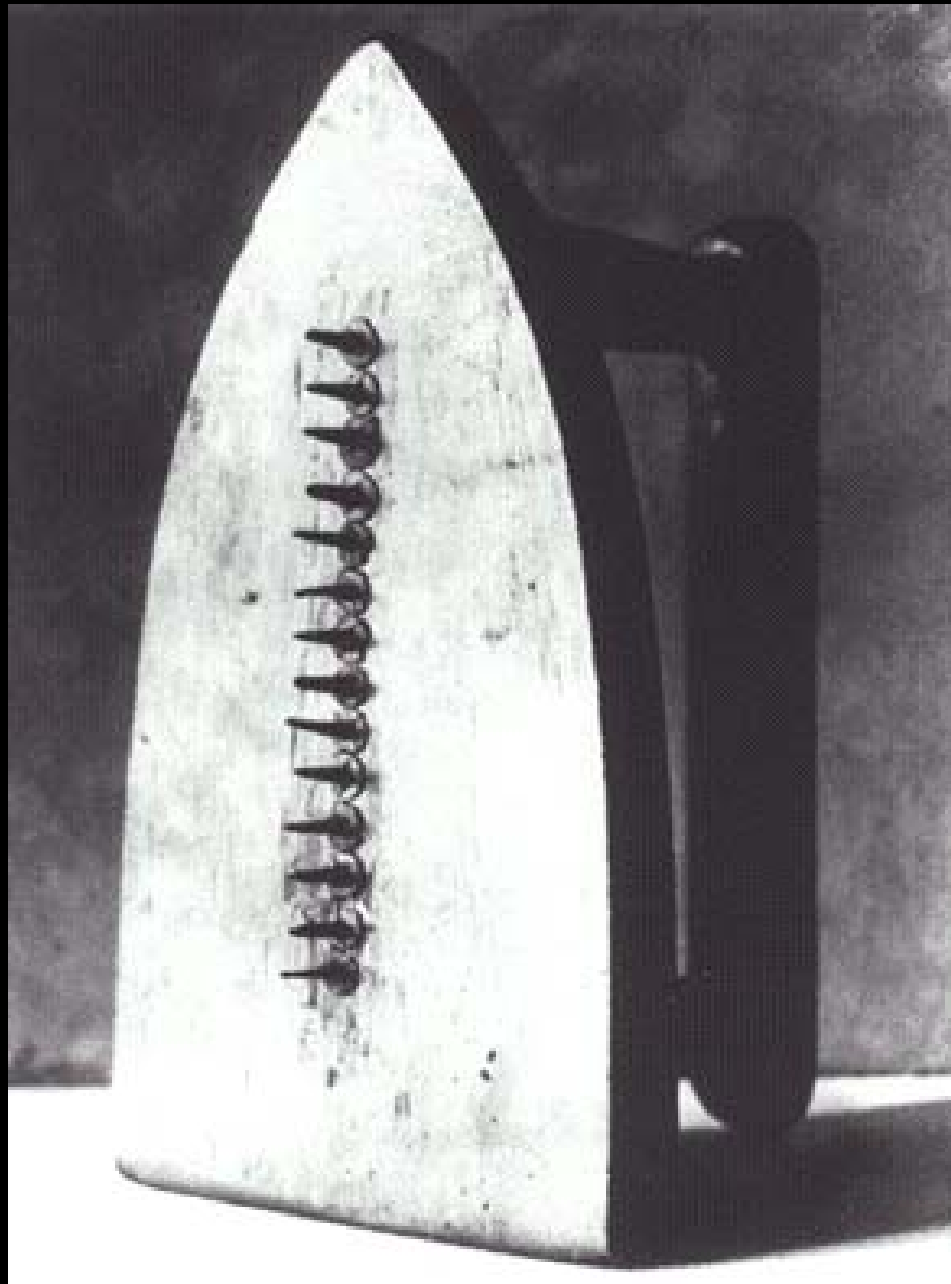








Ceci n'est pas une pipe.





fine



Ampliando horizontes a
instaurando novas significações



RAY-GUN MFG. CO.
DICIEMBRE 1 al 31
THE
STORE
 BY
CLAES OLDENBURG
107 E 2ND ST
NO. 81 ATTACHED
 TO RALPH B. WINE, WITH
THE GREEN GALLERY

RAY-GUN MFG. CO.
DICIEMBRE 1 al 31
THE
STORE
 BY
CLAES OLDENBURG
107 E 2ND ST
NO. 81 ATTACHED
 TO RALPH B. WINE, WITH
THE GREEN GALLERY

RAY-GUN MFG. CO.
DICIEMBRE 1 al 31
THE
STORE
 BY
CLAES OLDENBURG
107 E 2ND ST
NO. 81 ATTACHED
 TO RALPH B. WINE, WITH
THE GREEN GALLERY

fine



fine



fine



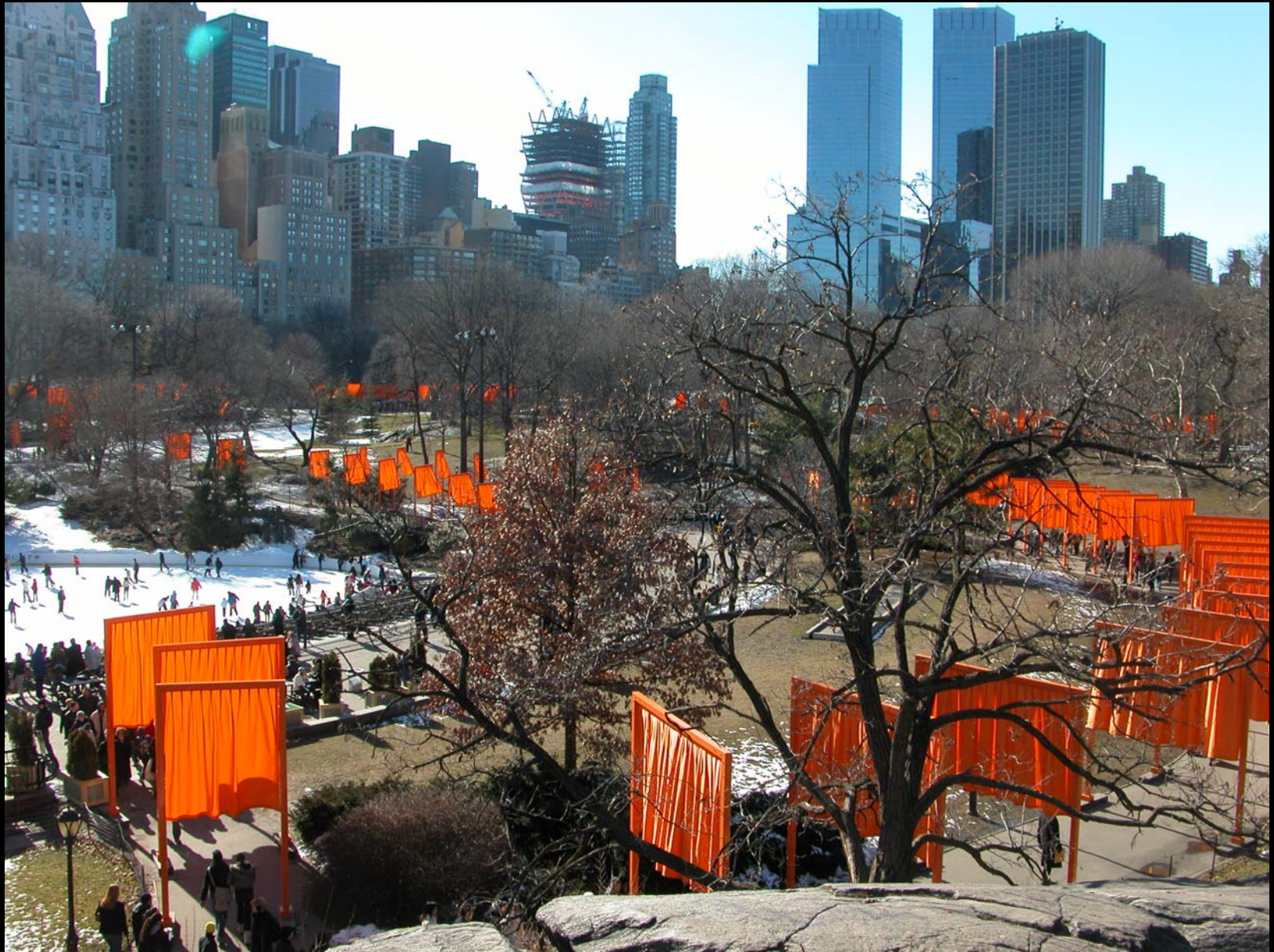






fine

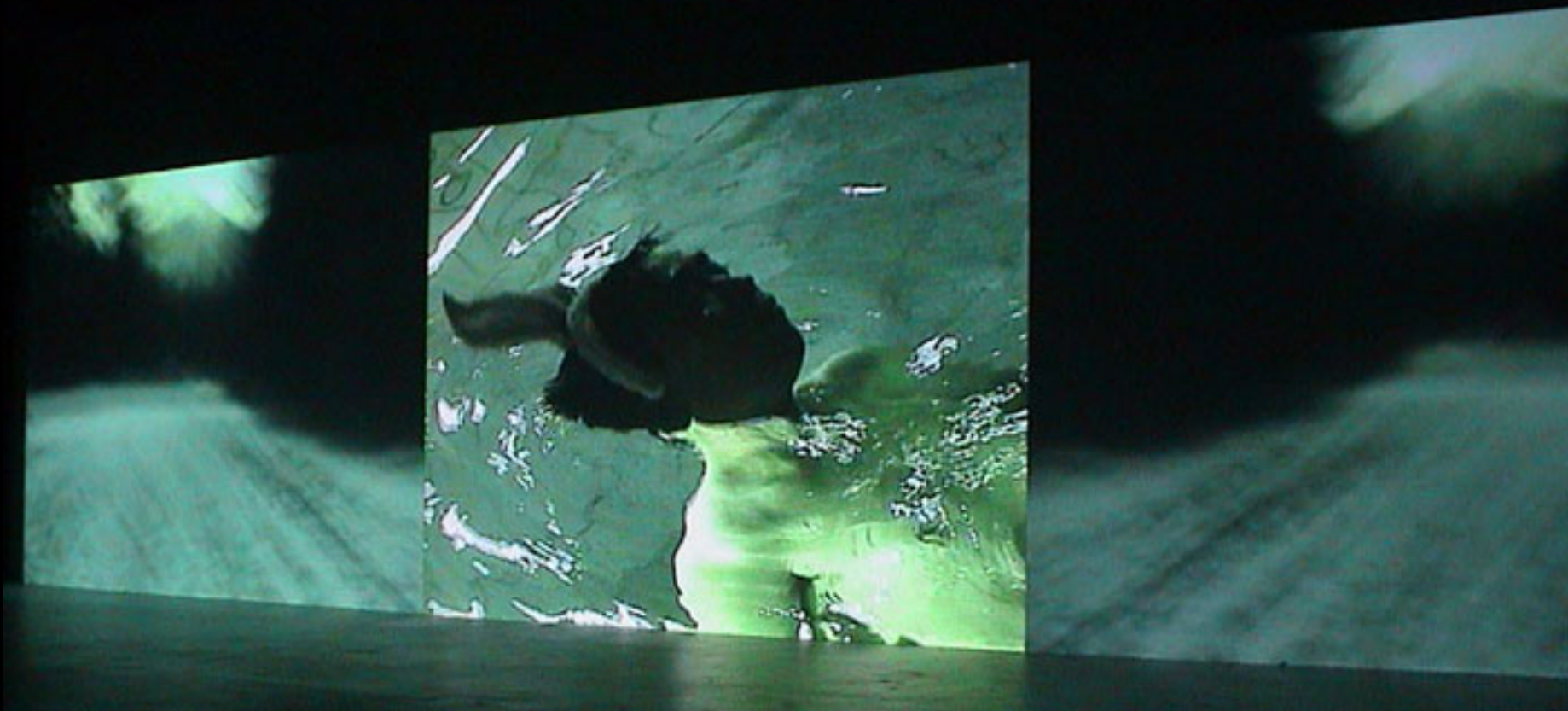




fine



fine



fine



Assim temos a possibilidade de
interagir com a arte, tomar
nossas posições e dialogar com
ela, opor, contrapor, contra-
argumentar, discutir, discordar

A Arte atual é propositiva, instaura
um pensar, estimula o fazer junto.
Não é só o autor da obra de cria,
mas também o apreciador, aquele
que apreende as informações e
desenvolve suas próprias
reflexões, tornando-se mais
autônomo no seu pensamento
crítico

Por meio da apreciação crítica
das obras de arte é possível
detectar valores
plástico/visuais, éticos,
temáticos, morais, históricos,
documentais, funcionais etc.

Neste caso, a ***crítica*** se institui
por meio da interação com as
obras de arte e não por meio da
apreciação passiva

Tradicionalmente a Crítica se preocupava em descrever as obras e tecer apreciações em torno de suas qualidades e características formais, aos poucos, foi se tornando mais criteriosa e mais elucidativa, atuando mais como mediadora do que orientadora

A Crítica hoje pretende interagir
com o apreciador
estabelecendo com ele um
diálogo contínuo e consistente,
dando-lhe oportunidade de
tomar suas próprias decisões
em relação à arte

Enfim, pretende formar
apreciadores conscientes e não
consumidores incipientes